

AS CONSTRUÇÕES DA MOTIVAÇÃO LINGUÍSTICA PARA A APRENDIZAGEM DO LÉXICO EM LÍNGUA ESPANHOLA

Ione Santos e Silva¹

RESUMO

As discussões apresentadas neste trabalho relacionam as mídias com a nova forma de leitura. Nesse sentido, surge um novo modelo de leitura digital e novas metodologias para a transição entre o livro e o computador. Contudo, é necessário repensar e avaliar como a sociedade se relaciona com a hipermídia e as diferentes leituras. Isto, no entanto, exige aprofundamento teórico e pedagógico. A partir dessa ideia, percebe-se que as ações e estudos darão suporte às novas ancoragens semióticas que a leitura na internet representa. O objetivo deste artigo é discutir o hipertexto-hibridismo textual nas vivências de leitura no contexto digital e, assim, reforçar a importância do discurso em linguagem midiática na relação de aprendizagem entre professor-aluno. O referencial teórico está ancorado nas publicações de diversos autores como, Gomes (2011), Ramal (2003) e Levy (1996). A sociedade vive um momento ímpar que requer desafios, porém, ainda há resistência com o novo modelo de leitura onde se permeia o hibridismo textual, com múltiplas formas de interação e um navegador em diversos caminhos. Discutir e entender a chegada dessas ferramentas na educação é a melhor forma de compreender o universo dessa nova geração de alunos e direcionar o aprendizado para o uso adequado desse novo modelo.

Palavras-chaves: Mídias, hipermídia, hipertexto, hibridismo textual.

INTRODUÇÃO

Muitos brasileiros acreditam que o estudo da língua espanhola é algo de pouca dificuldade devido à proximidade dessa língua com a língua portuguesa, outros vêem esse estudo como desnecessário, pois pensam compreender bem o espanhol, apenas por ser falante materno da língua portuguesa.

Porém, quando saímos desse pensamento do censo comum e entramos em contato com o ensino-aprendizagem do espanhol nas escolas brasileiras nos deparamos com uma realidade bem diferente. Realidades essas em que, professores e alunos estão se dedicando para vencer as dificuldades oriundas do estudo de línguas-irmãs. Ao ler um texto ou ouvir uma comunicação em espanhol o aluno busca nas associações do signo linguístico, entre língua materna e a nova língua, uma maneira de se compreender o que lhe é exposto; significantes e significados (SAUSSURE, 1991, p.82) que nem sempre tem relação entre as duas línguas.

Ao pensar na imotivação e na motivação do signo linguístico, percebemos o caminho perigoso que o aluno está percorrendo em certas relações. O que é convencional em uma língua pode não ser em outra, mesmo essas línguas sendo da mesma família de origem. Pensemos então na natureza do signo linguístico que inicialmente é visto simplesmente como

¹ Aluna do Curso de Especialização em Linguística Aplicada - Faculdade Araguaia

nomes que correspondem a coisas, sendo este apenas o princípio para compreendermos o signo linguístico em sua totalidade.

Discutiremos neste artigo, os diferentes conceitos de signo linguístico, a questão da arbitrariedade e a aprendizagem de falsos cognatos em espanhol por parte de aprendizes brasileiros.

De acordo com Silva (2003), a Semiologia, também chamada Semiótica, é a teoria geral dos sinais; estuda a linguagem humana e verbal, a dos animais e de todo e qualquer sistema de comunicação, seja ele natural ou convencional. Desse modo, a Semiologia/Semiótica seria mais abrangente que a Linguística. Ainda segundo este autor, Semiologia e Semiótica são termos permutáveis, sendo que a primeira surgiu na Europa, com Saussure, e a segunda, nos Estados Unidos, com o filósofo Charles Sanders Peirce. Apresentaremos sucintamente neste artigo alguns dos principais teóricos que definiram signo linguístico.

Segundo Saussure (1991, p.80), em seu *Curso de Linguística Geral*, o signo linguístico é constituído da união de um conceito e uma imagem acústica. Sendo a imagem acústica a impressão psíquica do som, não o som material, físico: e o conceito é o que você sabe sobre determinada coisa. O conceito é tido por significado e a imagem acústica por significante. Tanto significado quanto significante são considerados psíquicos unidos no cérebro por um vínculo de associação. Esses dois elementos são interdependentes. De acordo com Carvalho (2003) foi Jakobson quem distinguiu o som material e imagem acústica. Ao primeiro chamou de *fone*, objeto de estudo da Fonética; ao segundo, de *fonema*, conceito amplamente aceito e consagrado pela Fonologia.

No tocante ao estudo do signo linguístico, Benveniste (1989, p. 224, apud DECIAN & DELLA MEA, 2005) percebe o signo como “uma unidade dotada de sentido”; que precisa “representar uma unidade, mas não uma unidade qualquer e, sim, uma unidade dotada de significado”. Entendemos, portanto, que Benveniste concebe a língua como um fenômeno dinâmico e de uso contínuo, por meio do qual podem ser formulados e proferidos vários discursos. Essa forma de conceber a língua é própria da teoria da enunciação benvenistiana e está ligada à teoria da enunciação (DECIAN & DELLA MEA, 2005).

De acordo com Silva (2003):

O signo não pode ser considerado um elemento de natureza vazia, ou seja, um signo frívolo, sem significação. Os signos, quando analisados fora de um contexto, são apenas signos que nada ou quase nada significam, tendo em vista que sua máxima realização dá-se pela

relação que mantêm com outros signos dentro de um dado contexto. Uma palavra pode ser considerada o contexto de um signo menor que ela, mas que, por sua natureza significativa e pela organização e relação que estabelece com outros signos menores, pode significar tanto quanto, ou muito mais que uma palavra quando empregada como elemento menor de um contexto maior que a sua natureza.

Para Hjelmslev (1975, p. 49 – 50, apud SILVA, 2003) as palavras não são os signos definidos da linguagem como podia evidenciar a linguística tradicional que dedica à palavra o foco de seus interesses. O signo para ter significação precisa estar inserido em um contexto. Assim devemos deixar para traz pensamentos de que substantivo é mais carregado de sentido do que uma preposição, ou uma palavra é mais significativa do que uma terminação flexional.

Por isso Hjelmslev (op. cit.) nos chama a atenção para considerarmos a língua não como um sistema de signos, tendo em vista sua complexidade e subjetividade, sua riqueza em sistema de figuras. Dessa forma, se reduzirmos a linguagem a um sistema de signos desconsideraremos sua essência de significações contextuais.

Peirce (2000, p.46, apud SILVA, 2003) renova a teoria do signo. Segundo os estudos por ele desenvolvidos a ideia de signo pelo signo e do significante que tem certo significado tornam-se ultrapassadas. Pois, para Peirce “um signo, ou representâmen”, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”, para ele o que é importante são as relações triádicas, ou seja, o representâmen, o objeto e o interpretante. Sendo o representâmen o signo em si mesmo, o objeto a representação do signo e o interpretante a consciência interprete do signo (as relações entre o signo e o seu interpretante).

Greimas (1973, p. 17, apud SILVA, 2003) define significantes como elementos ou grupos de elementos que possibilitam a aparição da significação ao nível da percepção, e significados são significações que são recobertas pelo significante e manifestadas graças à sua existência. Além de definir, Greimas, classificou os significantes conforme a ordem sensorial pela qual eles podem se apresentar. As classificações podem ser de ordem: visual, auditiva, tátil, olfativa e gustativa.

Ao desenvolver estudos sobre as relações entre o pensamento e a linguagem, Vigotsky (2000) fala de dois elementos linguísticos, som e significado que,

para ele, convergem-se num elemento único, ou seja, na palavra. Para Vigotsky o signo é uma unidade que representa o todo e que pode ser subdividida em partes.

A chave para a compreensão das propriedades da água são as suas moléculas e seu comportamento, e não seus elementos químicos. A verdadeira unidade da análise biológica é a célula viva, que possui as propriedades básicas do organismo vivo. Assim como a molécula representa um microcosmo para a água, a célula para a análise biológica, o significado da palavra é o microcosmo em relação ao pensamento verbal, que deve ser, por sua natureza, o macrocosmo. (VIGOTSKY, 2000, p. 5)

Para Vigotsky (1998) o significado é um ato desencadeado pelo pensamento e que uma palavra desprovida de seu real significado é algo vazio como elemento de fala.

Bakhtin (2002, p. 31, apud SILVA, 2003), define o signo como um elemento de natureza ideológica, ou seja, o signo de forma isolada não possui valor em si mesmo, todo signo deve fazer parte de um contexto para ganhar significação.

Bakhtin (2002, p. 33, apud SILVA, 2003), ressalta:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer.

O signo carregado de significação ideológica pode ser elemento de avaliação do meio ideológico, ou seja, pode ser compreendido de acordo com a necessidade contextual dos interlocutores. Por isso a necessidade da contextualização do signo, visto que, dessa maneira, o campo de domínio do signo convergirá com o campo de domínio do signo ideológico que ele representa. As inter-relações que o signo adquire no contexto com outros signos o carregará de significações.

Ao abordarmos várias teorias sobre o signo pretendíamos trazer reflexões sobre suas significações, em momento algum tivemos a intenção de ressaltar qual a definição mais adequada de signo ou defender sua teorização pela semântica ou semiótica. O que para nós de fato é relevante são as implicações das teorias do signo e suas significações no ensino e aprendizagem da língua espanhola.

A Arbitrariedade do Signo

Dizer que o signo linguístico é imotivado em relação ao significado, isto é, não há nenhum laço natural que justifique a escolha de um significante para o seu significado, correspondente, é afirmar a arbitrariedade do signo. Fiorin (2006) acrescenta a ideia de que nem todas as linguagens são imotivadas; as artes visuais, por exemplo, estão impregnadas de signos motivados, nos quais significado e significante estão unidos pela escolha humana: os símbolos, as placas de sinalização, etc.

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário. (SAUSSURE, 1991, p.81)

A diferença entre as línguas e a existência de línguas diferentes comprova a arbitrariedade do signo; o significante é convencional, sendo assim não há uma relação de sons fixos entre todas as línguas. Cada língua irá estabelecer socialmente o convencionalismo do signo.

Para que uma língua cumpra os seus fins, é necessário que as mesmas experiências coletivas, se coloquem previamente de acordo quanto ao sentido que vão atribuir às partes da corrente sonora que emitem e ouvem. Em outras palavras, é preciso que concordem em atribuir a determinados conjuntos fônicos, produzidos em certas situações, o poder de traduzir um determinado elemento da sua experiência histórica. Esse contrato social funda o convencionalismo do signo. (LOPES, 2001)

Após estabelecido em um grupo linguístico o signo não poderá ser modificado por um indivíduo, mesmo que este consiga estabelecer um signo que apresente motivação entre significante e significado. O convencionalismo do signo é que proporciona sua relevância ao grupo social que o utiliza como unidade provedora de sentido. Um indivíduo não tem como modificar a escolha feita, o signo está atado à língua por um contrato social.

Os brasileiros ao estudar a língua espanhola enfrentam grandes dificuldades ao se depararem com os chamados “Falsos amigos/Falsos cognatos”. A arbitrariedade do signo torna-se um obstáculo árduo para se aprender a nova língua, visto que o aluno já conhece o significante em sua língua materna e acredita que o significado também lhe é conhecido. Falsos amigos/Falsos cognatos são léxicos que por sua semelhança ortográfica e/ou fônica, entre o português e o espanhol, parecem em um primeiro contato muito fáceis de ser

compreendidos, traduzidos ou interpretados, porém escondem verdadeiras armadilhas de sentido.

O grupo de “falsos amigos” que oferecem perigo constantemente, são aqueles léxicos que tem suas formas semelhantes ou idênticas, no entanto, não têm nenhum significado comum às línguas estudadas. É o que acontece, por exemplo, com as palavras abaixo, (retiradas do Dicionário de Falsos Amigos, 1998, p.11, 20, 23, 26, 29, 30, 183, 81, 77, 64, 48, 29, 27, 91, 107, 110).

Palavra	Definição	Idioma
acostamento	ação de deitar ou deitar-se	espanhol
acostamento	espaço livre para parar nas rodovias	português
asignatura	disciplina, matéria que se cursa num centro de ensino	espanhol
assinatura	nome de uma pessoa, rubrica	português
balcón	sacada, varanda em geral com grade ou peitoral	espanhol
balcão	espécie de mesa para pôr e expor mercadorias	português
basura	lixo, tudo o que se joga fora, imundícies	espanhol
vassoura	utensílio de limpeza usada par varrer	português
berro	agrião	espanhol
berro	som forte, grito, som de alguns animais	português
borracha	bêbada	espanhol
	goma elástica para apagar; substância elástica obtida	
zurdo	canhoto	espanhol
surdo	privado parcial ou totalmente do sentido da audição	português
hospicio	casa de abrigo a pobres; orfanatos para crianças	espanhol
hospício	hospital de enfermos mentais	português
grasa	substância untuosa de origem animal, gordura	espanhol
graça	elegância, agrado, gracejo	português
exquisito	de muito bom gosto, muito agradável, delicioso	espanhol
exquisito	raro, fora do comum, desagradável	português
descolar	tirar ou cortar o rabo	espanhol
descolar	desunir o que estava atado	português
	pescoço, parte do corpo que une a cabeça ao tronco;	

coelho	animal, mamífero roedor	português
cueca	dança e música do Chile	espanhol
cueca	roupa íntima masculina	português
buqué	aroma dos vinhos selecionados	espanhol
buquê	ramalhete, ramo de flores	português
brega	trabalho duro, labuta	espanhol
brega	vulgar, de mau gosto, cafona	português
boato	luxo, ostentação	espanhol
	rumor anônimo não confirmado que se divulga publicamente	
lentilla	lente de contato	espanhol
	planta leguminosa empregada como forragem e	
lentilha	peso líquido de uma mercadoria, que já sofreu os	português
neto	filho de filho ou filha em relação aos pais destes	português
oficina	escritório, repartição pública	espanhol
oficina	lugar onde se faz consertos manuais	português

Escolhemos os exemplos anteriormente listados, pois nossa experiência ao ensiná-los, os apontam com frequência como sendo pares de heterossemânticos que os alunos têm como grande obstáculo de aprendizagem. Em um primeiro momento o aluno fica feliz por acreditar que não terá problemas com o estudo do conteúdo – “Falsos Amigos” – pois acredita que estará diante de algo fácil de ser compreendido, visto que parte do pressuposto segundo o qual a língua espanhola é uma língua “parecida” com o português e, portanto, “fácil”.

Em um segundo momento o aluno entra em conflito com o que pré – construiu a respeito da língua espanhola. Neste momento percebemos que o aprendiz não aceita a convencionalidade do signo da língua espanhola. Identificamos, em nossa prática, que é nesse momento de “choque” linguístico que nossos alunos percebem que o espanhol deve ser estudado, precisa ser aprendido, pois é mesmo uma nova língua e não a extensão da língua brasileira.

Para o aluno brasileiro é difícil aceitar que, por exemplo, “exquisito” (espanhol) recebe um novo significante. Deixa de ser algo “desagradável” (significante convencional do português) e passa a ser algo “saboroso”, “agradável” (significante

convencional do espanhol). Para o brasileiro, estudante de espanhol, os “Falsos Amigos”, são léxicos totalmente imotivados, duplamente arbitrários.

Para o brasileiro aprendiz de espanhol os “Falsos amigos”, são vistos como se fosse uma dupla arbitrariedade, a da língua materna que ele já havia aceitado a convencionalidade do significante e a da língua espanhola que ainda precisa aceitar.

E aprender o novo léxico nesse caso é em primeiro lugar deixar de buscar relação de significado entre signos idênticos ou semelhantes nas duas línguas. Devemos ter em mente que estamos estudando uma nova língua, e não, lapidando nossa língua materna.

É evidente que o português e o espanhol têm um abundante léxico em comum, se calcula que 90% das palavras são comuns a uma e a outra língua. Isso se explica pelo fato de ambas terem origem latina, pela estreita convivência até o século XV na Península Ibérica, por terem recebido influências de línguas como o árabe, o francês, o catalão, o inglês e as línguas ameríndias. No entanto, nem em línguas tão próximas há a existência de uma relação fixa de sons, evidenciando assim que a arbitrariedade do signo deve ser lembrada mesmo ao estudar línguas - irmãs.

Segundo Regueiro (1998, p.4, apud HOYOS, 1998):

Pero este hecho, que posibilita, sin duda, cierto grado de comunicación entre los hablantes nativos de nuestras lenguas, obliga, por otro lado, a los aprendices y a los profesores de cada una de ellas como lengua extranjera, a desbrozar bien el camino entre lo que es verdaderamente común y lo que solamente lo es en apariencia. Porque, como se demuestra hay muchas palabras comunes en su origen, que han tomando caminos semánticos diferentes².

Motivação do Signo Lingüístico

Devido a arbitrariedade do signo, alunos e professores devem se atentarem para o que é verdadeiramente comum e o que é aparentemente comum no estudo de espanhol para brasileiros.

Se a arbitrariedade do signo vista no estudo dos “Falsos Amigos”, traz uma armadilha perigosa aos aprendizes que estabelecem relações associativas de significado entre

² Tradução nossa (Porém este feito, que possibilita, sem dúvida, certo grau de comunicação entre os falantes nativos de nossas línguas, obriga, por outro lado, aos aprendizes e aos professores de cada uma delas como língua estrangeira, deixar claro o caminho entre o que é verdadeiramente comum e o que somente aparenta ser. Porque, como se demonstra existe muitas palavras comuns em sua origem, que tomaram caminhos semânticos diferentes.

as duas línguas, português e espanhol, causando desse modo desconforto e dificuldade no aprendizado do espanhol, a existência de léxico em que o aprendiz os percebe com um grau mais motivado, em contra partida, possibilita um apropriar-se mais rápido do léxico espanhol.

Não existe língua em que nada seja motivado, quanto a conceber uma em que tudo fosse isso seria impossível por definição. Entre os dois limites extremos - mínimo de organização e mínimo de arbitrariedade -, encontram-se todas as variedades possíveis. Os diversos idiomas encerram sempre elementos das duas ordens radicalmente arbitrários e relativamente motivados (SAUSSURE, 1991)

Pode-se distinguir, como faz Saussure (1991, p. 152) entre arbitrário absoluto e o arbitrário relativo; sendo o primeiro equivalente a imotivado, já que o significante não guarda nenhum vínculo de tipo natural com o significado e o segundo corresponde aquele em que a relação significante e o significado encontrem certo grau de motivação que os vincule.

Para o aluno de espanhol o grupo lexical nomeado por “Falsos Amigos” é radicalmente arbitrário, imotivado, ao passo que outros léxicos, da mesma língua são relativamente motivados, pois evoca-lhes possibilidade de associações. Vejamos a seguir alguns léxicos que apresentam-se como signo linguístico motivado nas nossas aulas de espanhol.

Palavra em	Motivação Observada	Tradução em
sacapuntas	remete a ideia de por a ponta para fora, assim o aluno relaciona o significante a ideia e consegue memorizar um novo léxico, ou seja, o nome dado ao instrumento que serve para fazer ou afinar a ponta de	apontador
pegamento	traz à memória a relação com algo que une, gruda,	cola

paraguas	o próprio segmento sugere o significado de “parar águas”, objeto que serve para proteger-se da chuva.	guarda-chuvas
embarazada	uma mulher grávida não deixa de estar em uma	grávida
sostén	que serve para sustentar algo, no caso, os seios.	sutiã
ventana	o significante é relacionado com vento, por essa associação a aprendizagem do léxico fica bem mais	janela
niñera	relaciona-se com niño, pessoa que se dedica,	babá
rodilha	lembra roda.	joelho
cumpleaños	sugere “completar anos”, inteirar mais um ano de	aniversário
chocar los	encontrar, bater os cinco dedos da mão.	apertar as
alcoholímetro	que se usa para medir o teor alcoólico que foi	bafômetro
pareja	o significante pareja traz a memória a palavra par/	dupla
tacones	remete a altura do sapato.	salto
vergüenzas	sugere a algo que não se deve ser exposto.	órgãos sexuais

“Vergonhas” é uma palavra que, inclusive, era um léxico do português antigo, do século XVI, pois Pero Vaz de Caminha, em sua Carta do Descobrimento do Brasil, faz o famoso trocadilho com o fato de que os portugueses não tinham vergonha em olhar “as vergonhas” das habitantes da nova terra (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2011).

Saussure (1991, p. 142) aborda as relações sintagmáticas e as relações associativas, que correspondem as duas formas de nossa atividade mental indispensáveis para a vida da língua. De um lado, ocorre no discurso relações baseadas no caráter linear da língua, isto é,

os elementos se alinham um após o outro na cadeia da fala. Por outro lado, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória (paradigmáticas).

A relação sintagmática existe *in praesentia*: repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. “Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (SAUSSURE, 1991, p. 143).

As relações associativas podem ocorrer devido o radical comum entre as palavras, como exemplificou Saussure (1991, p. 145), em “*enseignement, enseigner, enseignos*” (ensino, ensinar, ensinemos); pode basear-se também no sufixo “*enseignement, armement, chagement*” (ensinamento, armamento, desfiguramento).

A associação pode acontecer, também, por analogia dos significados e na “comunidade das imagens acústicas”, Segundo Saussure (op.cit), “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra”.

Por meio dessas relações associativas que uma palavra é capaz de desencadear, tanto por motivo de sua constituição sonora quanto por seu significado referencial, é que os estudantes de espanhol encontram a motivação para aprender os léxicos anteriormente relacionados.

Na nossa experiência pessoal, percebemos que a aprendizagem do signo motivado causa diversão às aulas, pois o caminho seguido por cada aluno, para estabelecer relações associativas, causa comicidade. Vários alunos acham que a palavra no espanhol faz muito mais sentido (significado e significante) que no português e, por isso, dizem aprender mais facilmente o signo que lhes indicam alguma motivação linguística.

Com certeza, a exposição e a reflexão sobre o signo imotivado e o signo motivado e sua relevância no ensino do espanhol para brasileiros deve ser fonte de interesse para estudos mais aprofundados, visto que há diferentes enfoques linguísticos para serem abordados dentro desse viés.

É muito importante para o professor e para o aprendiz saber desfrutar das várias maneiras que propiciam uma aprendizagem menos traumática e mais significativa ao estudante de língua estrangeira.

Comparar e conhecer as diferenças linguísticas no nível fônico, morfossintático é de suma importância na aprendizagem de uma nova língua. E ainda mais importante, é ter o domínio dos contrastes no nível semântico, visto que os dois primeiros perturbam a

comunicação (fônico e morfossintático) e o uso indevido de um léxico causará problemas maiores na comunicação, podendo até mesmo impedir que esta se realize.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aluno brasileiro, estudante da língua espanhola, tem com certeza dificuldades a vencer ao aprender essa nova língua. No nosso trabalho abordamos uma delas, a arbitrariedade do signo linguístico, no estudo dos “Falsos Amigos / Falsos Cognatos”. Obstáculo este que o aprendiz já venceu por primeira vez quando teve que aceitar a convencionalidade estabelecida entre significante e significado de sua língua materna.

Agora essa tarefa, parece ser mais complicada ainda, pois o aluno tem um léxico que ortograficamente e/ou foneticamente é semelhante ao que ele já detém o domínio de sentido, uso, contexto, em sua língua materna, o português; mas que não tem nenhum significado comum com o espanhol. Estudar espanhol, tendo o português como língua materna, passa a ser algo que dificulta esse ensino – aprendizagem.

Enquanto o estudo dos “Falsos Amigos / Falsos Cognatos” é tido por nossos alunos como signos imotivados, que não permitem relações associativas de significado entre o português e o espanhol, causando assim, desconforto e dificuldade no aprendizado, há em contra partida as contribuições dos signos motivados que facilitam e dão prazer no aprendizado da nova língua.

Os léxicos que apresentam-se como signo linguístico motivados, nas nossas aulas de espanhol, contribuem ricamente para um ensino- aprendizagem menos traumáticos, mais prazeroso, eficiente e de rápida assimilação. No estudo do signo motivado, o aluno realiza relações associativas (sintagmáticas e paradigmáticas) e tanto pela constituição sonora quanto pelo significado referencial, os estudantes de espanhol encontram a motivação para aprender os léxicos que para eles são motivados.

Assim que esse estudo sobre as “Contribuições da motivação linguística para a aprendizagem do léxico em língua espanhola” implica em uma contribuição ao ensino – aprendizagem da língua espanhola por brasileiros, pois a partir dessas reflexões podemos pensar um pouco mais sobre nossa prática, conscientizar nossos alunos que eles estão estudando uma nova língua, e não, fazendo uma extensão da língua brasileira e que ao vincularmos significante e significado por meio de relações baseadas no linear da língua, em associações comuns oferecidas pela memória, por um radical comum, sufixo, analogia, seremos participantes ativos no processo ensino- aprendizagem.

Concluimos que a motivação linguística traz o benefício de descontrair a aula de espanhol, leva o aluno a perceber que a língua é bem mais significativa do que ele pensava e revela a necessidade de dedicação, pois está diante de uma nova língua, e que precisa se atentar para sua fonética, fonologia, morfossintaxe e semântica. Um estudo menos traumático e mais significativo torna-se possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMINHA, P. V. *Carta a El Rei D. Manuel*, Dominus, São Paulo, 1963. In: Literatura Brasileira: Textos literários em meio eletrônico. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html>. Acessado em 12/03/2011.
- CARVALHO, C. de. *Para compreender Saussure*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FIORIN, J. L. Teoria dos signos. In: Introdução à Linguística. FIORIN, J. L. (org). 5 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.55-74
- HOYOS, F. L. B. *Diccionario de falsos amigos*. São Paulo, Enterprise, 1998.
- LOPES, E. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. 17 ed. São Paulo, Cultrix, 2001.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 16 ed. São Paulo, Cultrix, 1991. SEÑAS: *diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños/Universidad de Alcalá de Henares*. Departamento de Filologia: tradução de Eduardo Brandão, Claudia Berliner. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2001.
- SILVA, A. C da. As teorias do signo e as significações linguísticas. In: *P@RTES, Revista Virtual*. Ano III nº 39, novembro de 2003. Disponível no endereço: <http://www.partes.com.br/index39.asp> . Acessado em 15/03/2011.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Disciplinarum Scientia*, Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 6, n. 1, p. 93-109, 2005. O Signo Linguístico: de Saussure a Benveniste. Decian, M. M. e Della Méa, C. H. P. Disponível em: http://sites.unifra.br/Portals/36/ALC/2005/o_signa.pdf